

UM-ARQUIPELAGO-PRENHE-DE-VOZES (Parte 3)

Por Chrys CHRYSTELLO

Onésimo de Almeida escreveu dois livros e coordenou outro sobre o tema. Nesses anos, falava-se em artesanato, folclore e cultura, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema colocou-se por razões políticas¹. Citando J. Almeida Pavão (1988)



“[...] de Onésimo de Almeida, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o Almeida Firmino de Narcose ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de *As Ilhas Desconhecidas*. Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de *insularidade e açorianidade* três extratos diversos de idiossincrasias:

— um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

— o dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álvaro Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;

— e ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão.”

Mas muito antes do Onésimo, **Eduíno Borges Garcia** escreveu uma série de artigos sobre literatura açoriana, no semanário *A Ilha*, anos (19)50, e depois reunidos em opúsculo, no qual, e ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Apenas aconselhava os escritores a incluírem a vida concreta do povo e a deixarem-se de hortênsias e banalidades como festas do Santo Cristo,romeiros, etc. Que-

ria que a literatura tendesse para o neorealismo, refletindo a sociedade real. Ao sair “*Raiz Comovida*” (Cristóvão de Aguiar), Borges Garcia, que nunca conheceu pessoalmente o autor, telefonou-lhe dizendo: “*Até que enfim que leio um escritor micalense que realizou o sonho que expendi no opúsculo Para uma Literatura Açoriana.*”

No 11º Colóquio da Lusofonia, Lagoa 2009, **Cristóvão de Aguiar** rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que “*faz parte da produção literária lusófona. O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é uma literatura separada da literatura portuguesa*”, afirmou à agência Lusa o escritor, na opinião do qual o conceito foi criado para que alguns escritores locais se pudessem destacar, já que não tinham lugar na literatura portuguesa. “*Açorianices, que rimam com tolices*”, diria Cristóvão.

Machado Pires sugeriu *literatura de significação açoriana*, discursando sobre o fenómeno descontínuo porque não há uma evolução, uma linha histórica progressivamente afirmada havendo “... autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto” (p. 57). “Por isso, preferimos usar a expressão de *literatura de significação açoriana* quando queremos acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana por acharmos demasiado genérica, ambígua e incaterizante a designação de ‘açoriana.’” (p. 59).

Outros preferem o termo *matríz açoriana*. Há vários tipos de autores, os residentes no seio do arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros (como eu) que escrevem sobre os Açores (em português ou não). Falta destrinçar quais se podem incluir nessa designação açórica.

¹ Em 1975, Vitorino Nemésio deixou-se utilizar pela independentista *Frente de Libertação dos Açores* (FLA), como candidato a Presidente da futura República e contra a vontade da maioria, os separatistas insistiram em usar a literatura como símbolo da identidade nacional.

“*É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa*” acrescenta **Eduardo Bettencourt Pinto**, um angolano que se tornou *escritor açoriano* por escolha própria. **Pedro da Silveira** (*Flores 1922-*



2003) foi perentório:

“Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana. (Silveira, 1977: 11). O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como **ser** moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência. A esta realidade continuam atentos os escritores das ilhas e é inegável a importância do seu contributo para o conhecimento da sociologia da literatura açoriana. A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina (*Açores*, Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel Iniciativas Editoriais 1977)”.

Paulatinamente, os escritores foram encontrando o seu espaço, não havendo minguada de qualidade nem quantidade, na maior parte dos casos, sem projeção além das ilhas, com exceções contemporâneas. Hoje, é questão

SÃO JORGE...

Continuação da pág. 8

Eles também não a devem saber para dar. Mas o problema é que a população não sabe o que fazer. Deviam explicar melhor a situação”, assinala.

Pela freguesia, as pessoas procuram fazer a vida normal, mas não há conversa que não passe pela crise sísmica.

No café de Sandra Carvalho, José Rosa faz uma pausa no trabalho para lembrar quando “acordou em pânico” devido ao sismo de 1998.

A situação daquela altura faz lembrar os dias que correm: “Claro que estou preocupado. Só esta noite senti cinco ou seis sismos. Não dormi. A população está preocupada. Procuramos trabalhar. Não penso sair da freguesia, só numa emergência. Tenho muito trabalho aqui. Eu ordenho vacas. Tenho de tratar das vacas e as vacas têm de comer”, afirma o agricultor, antes de concluir: “há de ser o que Deus quiser”.

A atividade sísmica que se regista desde a tarde de sábado na ilha de São Jorge, nos Açores, “continua acima do normal”, tendo sido “sentidos 20 sismos” desde a noite de terça-feira e até hoje de manhã.

Na terça-feira, o Governo Regional dos Açores anunciou que está a preparar cenários de retirada de pessoas da ilha de São Jorge, caso a crise sísmica se agrave.

aceite e arrumada para a maioria. Eu ainda sou um recém-chegado a estas ilhas, com menos de vinte anos de aprendizagem, mas tive a honra e o privilégio de aprender as idiossincrasias (inicialmente, micalenses e picoenses) quando traduza obras açorianas, para Inglês, de Daniel de Sá, de Manuel Serpa, Victor Rui Dores e outros. Como magistralmente disse a escritora canadiana Ann-Marie MacDonald², “*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquimia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte*”. A tradução do livro de Manuel Serpa *Da pedra se fez vinho* foi um exercício inesquecível em que, apesar da ajuda de vários picarotos houve ocasiões em que as explicações à guisa de glossário se sobrepuñham, aumentando as profusas notas de tradutor. Para um leitor doutras paragens, o texto seria incompreensível, era imperiosa uma intertradução, do falar picoense para o falar continental, antes de ser vertido num inglês pouco shakespeariano. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que a língua continental lhes apõe nos dicionários. Tratou-se, nalguns casos, de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. Muitas vezes um livro dum autor sofre drasticamente quando, em vez de ser considerada como obra, é erigida ao estatuto regionalista, que não pretendeu. Podem deduzir-se da leitura destes autores, algumas características relevantes para a açorianidade:

1. *O modo como o clima inculca um carácter de torpor e vagar onde a pressa é amiga da morte;*

2. *O modo como a História define os habitantes ainda quase tão apartados da metrópole como há séculos atrás;*

² “Translation, like writing, is both art and craft, with a touch of alchemy. When translator and author actually get to meet, the result can be inspired. Nuance is what translates language into art.” Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor. She has received accolades for her playwrighting, acting and writing. Her play *Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)* won the Governor General’s Award for Drama, the Chalmers Award for Outstanding Play and the Canadian Authors’ Association Award for Drama. She won a Gemini Award for her role in the film *Where the Spirit Lives* and was nominated for a Genie for her role in *I’ve Heard the Mermaids Singing*. Her first novel, *Fall On Your Knees*, was published in 1995 to much critical acclaim in Canada and abroad

3. *A forma como se recortam os estratos sociais: vincadamente fendais apesar do hu-manismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e fami-liares;*

4. *O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobre-jacente fora das pequenas metrópoles que comandam cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.*³

¹ In *Crónica Açores*, uma circun-navegação



Jantar de Primavera

COM

Júlio Lourenço

SÁBADO, 26 DE MARÇO, 18H30

PUNCH & APERITIVOS
SOPA
FILETE DE LINGUADO
ARROZ DE CAMARÃO E SALADA VERDE
SOBREMESA

SÓCIOS 40 / NÃO SÓCIOS 50

POR FAVOR RESERVAR
514-388-4129

casadosacoresdoquebeque@hotmail.com

